

## O Simbolismo do Jade e das Pedras Verdes no México Antigo<sup>1</sup>

Leila Maria França<sup>2</sup>

O jade e as pedras verdes desempenharam um papel muito importante na ordenação do universo cultural mesoamericano e na materialização de sua cosmovisão.

Jade é o termo genérico referente a dois minerais nobres – a jadeíta e a nefrita – que tem como composição básica os óxidos de Silício (Si), Alumínio (Al), Sódio (Na), Magnésio (Mg) e Cálcio (Ca) que, devido à reação com o Ferro, adquirem colorações esverdeadas, variando desde tonalidades muito claras a um verde escuro-azulado. Caracterizam-se, sobretudo, pelo brilho e dureza e seu valor está, em grande parte, associado à sua raridade, dado que as condições para a sua produção são bastante especiais: baixas temperaturas e alta pressão em zonas de falha geológicas - o que faz com que, em todo o mundo, haja somente 10 ou 11 regiões produtoras. Na Mesoamérica, somente a jadeíta foi conhecida (Lange, 1993).

Entretanto, grande parte de seu valor e conteúdo simbólico está, inegavelmente, associado à cor verde, que relacionavam os antigos mesoamericanos à vegetação, às águas e, em especial, nos relatos míticos, ao milho - alimento básico dessas populações.

De um modo geral, fontes escritas e pictográficas (códices) oferecem abundantes descrições sobre o jade, enquanto símbolo de vida, e mais que isso, como gema geradora de vida: contas e pedras desse material eram colocadas na boca dos mortos como um substituto do coração (Torquemada, XIII, XLV; Sahagun, Ap. II, 26-27); as jovens recém-casadas recebiam de presente esses mesmos objetos para garantir a concepção

---

<sup>1</sup> Meus agradecimentos ao Museu do Templo Mayor, em especial ao Diretor Lic. Juan Alberto Román Berrelleza, ao Dr. Leonardo López Luján, e aos Arqueólogos Ricardo Rivera e Angeles Medina Pérez, pelo acesso aos Arquivos de Registro de Materiais. À FAPESP, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, pelo auxílio em forma de Bolsa de Doutorado.

<sup>2</sup> Doutoranda no Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo.

(Torquemada, XIII,V; XIII, VI; Las Casas, XLV,150) acreditavam os antigos nahuas em seu poder curativo, sendo usada na cura de muitas males (Tibon 1983) e, metaforicamente, referiam-se aos filhos e a descendência como chalchihuites – palavra nahuatl que designava o jade (Sahagun, livro VI, VII:16; 21; VIII:10; XXIII:30; XXIV:5).

Entretanto, dada a raridade desse material e seu alto valor, os mesoamericanos muito cedo aprenderam a utilizar outras pedras existentes na natureza, que apesar de não possuírem o brilho translúcido do jade, tinham em comum a cor verde. Assim, outros minerais como a serpentina, a albita, quartzos, pedra-sabão e obsidiana verde - para citar apenas alguns exemplos de uma lista bem mais extensa - eram utilizados para os mesmos fins. As fontes escritas do século XVI afirmam que os mexicas distinguiram as diferentes pedras e que os jades verdadeiros seriam reservados aos grandes senhores e aos deuses, enquanto a população mais humilde usaria pedras ‘falsas’ (Sahagun, XI, VIII, par. 2; Ap. III, I, 26-27; Thouvenot 1982).

Isto levou os especialistas a cunharem o termo ‘jade social’ para referir-se ao conjunto das pedras verdes utilizadas na confecção de artefatos para fins políticos, sociais, cerimoniais e funerários, em toda a área mesoamericana (Lange, 1993).

Já no início do Período Formativo (1500 a.C.) os Olmecas usavam o jade – em especial a jadeíta - na confecção de belíssimos artefatos para fins cerimoniais, com significados aquáticos e de fertilidade, como por exemplo, machados cerimoniais, associados a milho de quatro cores, que assinalavam os quatro rumos do universo, uma referência à superfície terrestre, lugar onde cresce a vegetação; ou ainda máscaras com traços de jaguar – animal, que para as culturas do Pós-clássico Tardio, era o guardião das cavernas, representando a ligação entre a superfície da terra e o inframundo, onde eram geradas as sementes e toda forma de vida terrena (Lopez Austin,1994).

Enquanto a tradição Olmeca se distinguiu por um uso cerimonial e votivo (oferendas), entre os maias, o uso do jade social apresenta padrões mais variados entre os quais destaca-se o uso social (como ornamento da elite dirigente), na consagração de edifícios e ainda, o uso doméstico. Uma terceira tradição, a costa riqueña, apresenta, por sua vez, um contexto exclusivamente funerário (Lange, 1993).

Para o México Central, no Período Pós-Clássico Tardio – e aqui nos referimos a cultura azteca-mexica, existe, entretanto, uma lacuna sobre o uso desses materiais, em que pese a grande quantidade e variedade de Pedras Verdes empregadas por esta sociedade.

Isto se deve, basicamente a quatro fatores:

- 1) Ausência de preocupação na recuperação contextual dos vestígios materiais, que predominou na arqueologia durante décadas;
- 2) a dificuldade em realizar escavações sistemáticas e devidamente contextualizadas em uma área exclusivamente urbana, na qual sobressaíram os projetos de salvamento arqueológicos;
- 3) a relativa abundância de fontes escritas e pictográficas, o que faz com que, muitas vezes, diante das dificuldades na recuperação dos dados arqueológicos, aparecem como as principais fontes de informação, como é o caso dos trabalhos sobre o jade e pedras verdes para esta área;
- 4) a variedade de artefatos, encontrados nos sítios mexicas, no que se refere à forma, composição, estilo e origem, já que os mexicas manipulavam objetos de Pedra Verde de diversas culturas anteriores como olmecas, teotihuacanas e mixtecas, um costume com um sentido fortemente ideológico (Lopez Lujan, 1986) .

Felizmente, nas duas últimas décadas, com o desenvolvimento do Projeto Templo Mayor, que escavou o antigo centro cerimonial e político de México-Tenochtitlan – o Huey Teocalli, conhecido como Templo Mayor - foram recuperadas mais de 120 oferendas - a maioria sem perturbações, ou seja, apresentando seus contextos originais que foram detalhadamente registrados. Essas oferendas exibem uma presença maciça de objetos de jade e pedras verdes, que, apesar das dificuldades inerentes à enorme quantidade e variedade do material, nos permitem uma primeira aproximação no sentido de tentar estabelecer os padrões de uso simbólico do ‘jade social’ em contexto mexica.

É preciso lembrar, sobretudo, o potencial simbólico desse material depositado em forma de oferendas aos deuses, em um espaço sagrado – o Templo Mayor – que era considerado o centro absoluto do universo: ponto de interseção entre os 3 níveis verticais – celestial, terrestre e inframundo – e em termos horizontais, o ponto central que ligava os 4 rumos do universo. No topo da pirâmide, dois templos consagrados a Tlaloc (conhecido

como deus da chuva) e Huitzilopochtli (divindade da guerra) representavam o princípio dual a partir do qual se estruturou o pensamento mesoamericano e que, em especial para os mexicas, definiu o caráter, ao mesmo tempo, agrícola e bélico de sua sociedade.

Para o estudo deste material, partimos de uma amostragem de 25 oferendas, cuja constituição baseou-se nos seguintes critérios:

- 1) Distribuição espacial dentro do conjunto das estruturas cerimoniais, ou seja, seleção de depósitos relacionados ao altar de Tlaloc, altar de Huitzilopochtli, centro do edifício, e estruturas adjacentes;
- 2) Oferendas pertencentes aos diversos complexos estabelecidos por Leonardo Lopez Lujan (1994), que em uma classificação taxonômica, agrupou oferendas por sua semelhança em termos de conteúdo;
- 3) Presença significativa de Pedras Verdes;
- 4) Depósitos sem perturbação.

No momento, as informações estão sendo processadas em um banco de dados, o que nos permitirá tecer generalizações quanto aos padrões de uso por meio tanto de análise quantitativa quanto contextual, ou seja, da distribuição espacial das oferendas no edifício e dos artefatos no espaço interno da oferenda.

Entretanto, uma apreciação breve dos dados, já nos permite fazer algumas considerações.

- 1) O registro arqueológico permite comprovar que os mexicas usaram o jade e as Pedras Verdes em quantidades crescentes e o acesso a este material está diretamente vinculado à expansão imperial durante o século XV, ou seja, o fortalecimento do Estado aumentava a demanda deste item social, ao mesmo tempo em que novas conquistas eram empreendidas para garantir o acesso a novas regiões produtoras, por meio do tributo e também do comércio de longa-distância, além das trocas recíprocas entre elites regionais. É importante lembrar que esta atuação das pedras verdes é própria dos artigos suntuários em seu conjunto, mas a grande quantidade e a importância do emprego ritual das pedras verde encontradas nas oferendas indicam que constituíam um dos itens principais neste mecanismo;
- 2) Em relação à enorme quantidade desse material, o número de objetos de autêntico jade – a jadeíta – é extremamente reduzido, o que está em desacordo com a afirmação das

fontes escritas de que para os grandes senhores e os deuses, se empregava o verdadeira gema;

3) Uma outra implicação, que deriva da anterior é de que –jade ou pedra verde – estes materiais teriam um valor muito mais associado à cor verde. De acordo com as fontes escritas, as pedras verdes, símbolo de vida, possuiriam vida em si mesma. Assim, a pedra verde é exigida não para a apresentação das figuras - dado que a grande maioria apresenta pigmentação – mas pela sua faculdade de conferir vida imagens representadas, sendo por isso mesmo, escolhidas para representar deuses e antepassados, por meio de figuras antropomórficas, penate e máscaras.

Um outro exemplo, é o grande número de PV nas oferendas de recheio (misturadas à massa construtiva) depositadas com o fim de consagrar edifício, que, provavelmente, teria o objetivo dar vida ao novo espaço sagrado.

A presença de pedra em bruto (algumas, inclusive, dentro de recipientes) ilustra, igualmente, a importância dessa matéria-prima em si mesma, desvinculada de qualquer forma definida.

4) O numero de PV nas oferendas, juntamente com outros símbolos aquáticos - como, por exemplo, inúmeras espécies marinhas - atestam um emprego relacionado basicamente ao culto a Tlaloc (embora, espacialmente falando, não foi possível ainda, relacionar os padrões das pedras verdes em relação aos adoratórios das duas deidades) o que está de acordo com suas atribuições aquáticas e com as recentes interpretações de A.Lopez Austin e L. Lopez Luján (comunicação pessoal, Seminário de Iconografia, maio/2002) de que o Templo Mayor é a representação do Monte Sagrado ou Monte dual - Coateptetl e Tocacpetetl - este último, concebido como uma montanha - cheio de água no qual Tlaloc e seus ajudantes os Tlaloques, escondem o coração das sementes e onde toda forma de vida é gerada.

5) Muitas oferendas relacionadas a Tlaloc, possuindo grande quantidade de PV – apresentam a imagem do deus do fogo, Xiuhtecuhtli, representando a dualidade água-fogo, que compõe a unidade geradora de vida (Limon Olvera 2201). As pedras verdes são símbolos femininos de fertilidade, propriedade de Tlaloc, divindade aquática e Xiuhtecuhtli – representando o fogo ou sua manifestação básica na natureza, o sol, é o elemento

masculino; a união de ambos representa a condição necessária para a fecundação. Isto esta de acordo com as práticas descritas nos documentos do século XVI de expor as pedras ao sol para aquecê-las para que pudessem manter a vida, costume baseado na observação da natureza, na qual as plantas que surgem da terra, necessitam do sol para germinar e desenvolver-se (Tibon 1983);

6) Finalmente, outro padrão importante nas oferendas é o uso repetido das PV na representação dos espaços cósmicos – 4 rumos e o centro, ponto de ligação entre os 3 níveis verticais: céu, terra, e inframundo; lugar das cinco árvores cósmicas, símbolos máximos de geração de vida onde, segundo os estudos sobre cosmovisão mesoamericana, se encontram os princípios masculinos e femininos (fogo/água, céu/terra, luz/obscuridade) que da origem ao homem e ao transcurso do tempo.

Isto, entretanto, é apenas o começo. Falta-nos, todavia, processar o conjunto dos dados, desenvolvendo um estudo contextual detalhado no sentido de precisar os padrões de uso das PV no culto oficial mexicana.

Um exemplo, é a necessidade de se verificar, por meio do estudo contextual aliado à análises petrográficas, diferenças (se existem) de padrões de uso entre objetos de autêntico jade e demais pedras verdes.

Um outro ponto é tentar detectar diferenças de padrões espaciais dentro do conjunto cerimonial, no sentido de apreciar as especificidades dos usos simbólicos relacionados ao culto a Tlaloc e Huitzilopochtli, simbolismos de água e guerra - dualidade fundamental em torno da qual se organizou a vida dos antigos mexicanos do Altiplano Central.

## **Bibliografia**

- LANGE F. W. *Precolumbian Jade: New Geological and Cultural Interpretations* (ed.). Salt Lake City: University of Utah Press, 1993.
- LAS CASAS, Bartolomé, Frei. *Los indios de México y Nueva España. Antología*. México: Editorial Porrúa, 1971.
- LIMON OLVERA, S. *El simbolismo del Fuego entre los antiguos nahuas*. México: INAH, Colección Científica, 2001.
- LOPEZ AUSTIN, A. *Tamoanchán y Tlalocán*. México: Fónodo de Cultura Económica, 1994.

LÓPEZ LUJÁN, L. The Offerings of the Templo Mayor de Tenochtitlan. Colorado: University of Colorado Press, 1994.

\_\_\_\_\_ La Recuperacion Mexica del Pasado Teotihuacano. México: INAH, Colección Divulgación, 1986.

SAHAGÚN, Bernardino, Frei. História General de las Cosas de la Nueva España. México: Editoria Porrúa, 1975.

TORQUEMADA, Juan de. Monarquia Indiana. México: UNAM, 1975-1983.

THOUVENOT, M. Chalchihuitl. Le jade chez les Aztèques. Muséum National d'Historie Naturelle Mémoires de l'Institut d'Etnologie- XXI. Institute d'Éthnologie –Musée de L'Homme, 1982.

TIBON, G. El jade de Mexico: el mundo esoterico del 'chalchihuite'. Mexico: DF, 1983 (1ª ed.1905)